



Protestantismo em Revista é licenciada
sob uma Licença Creative Commons.

Benedeiras em Mircea Eliade, uma aproximação possível

Beneders in Mircea Eliade, a possible approach

*Gilson Xavier de Azevedo**

Doutorando em Ciências da Religião (PUC-Goiás, bolsista FAPEG)

*Janice A. Fernandes Azevedo***

Mestranda em Linguística (PUC-Goiás, bolsista FAPEG)

Resumo

A proposta deste artigo é investigar a possível aplicabilidade da teoria de Mircea Eliade, contida nos livros *Imagens e símbolos* e *O sagrado e o profano* em relação ao caso das benzedeadas. Eliade, enquanto pesquisador e historiador das religiões, investigou diversos temas dentro desse enfoque, de modo que, ao tratar de religiões primitivas e mitos primordiais nas duas obras apontadas, percorre um corolário que permite entender melhor essa prática milenar que é a da benzeção, bem como a figura de suas proponentes. A metodologia empregada é a da análise revisional interpretativa.

Palavras-chave

Religião. Benedeadas. Mircea Eliade. Imagem e Símbolo. Sagrado e profano.

Abstract

The purpose of this paper is to investigate the possible applicability of the theory of Mircea Eliade, *Images and Symbols* in the books and the sacred and the profane in relation to the case of healers. Eliade as a researcher and historian of religions, investigated various topics within this approach, so that when dealing with primitive religions and primal myths the two works mentioned, goes a corollary enabling better understand this ancient practice that is the benzeção as well as figure of their proponents. The methodology used is that of revisionary interpretative analysis.

* Doutorando em Ciências da Religião pela PUC-GO (2014-2016-BOLSISTA FAPEG). Mestre em Ciências da Religião pela PUC-GO (2014 - BOLSISTA FAPEG). Filósofo (Dom Felício, 1998/FAEME, 2007), Pedagogo (UVA-ACARAÚ, 2004) e Teólogo (FAETEL, 2002/MACKENZIE, 2006), Pós-graduado em Administração Escolar e Coordenação Pedagógica (UVA-RJ, 2006), Ética e cidadania (UFG, 2012) e Filosofia Clínica (Inst. Packter/PUC, 2013). Professor Titular de Filosofia do Direito e Filosofia Empresarial pela FAQUI (2006-12); Ex-Coordenador do curso de Pedagogia da UEG Quirinópolis (2011-12). (gilsoneduc@yahoo.com.br).

** Bolsista FAPEG. Mestranda em Linguística pela PUC GO, Licenciada em Letras (UEG)/ Especialista em Psicopedagogia (UEG)/ Docente concursada P4 do Estado de Goiás, lotação no Colégio Estadual Independência de Quirinópolis-GO; (janiceeduc@yahoo.com.br).

Keywords

Religion. Healers. Mircea Eliade. Image and Symbol. Sacred and profane.

Considerações Iniciais

A questão do simbolismo religioso é talvez uma das mais antigas a ser investigada por ciências diversas. Não obstante, as atuais pesquisas apontam para constantes tentativas de se dividir o mundo entre sagrado e profano. Tal ontologia promove um processo de entendimento mítico do mundo e é nesse contexto que se deseja, ao discorrer sobre tais temas, na perspectiva do autor Mircea Eliade, buscar promover uma reflexão sobre o encaixe do tema *as benzedeadas* em tal contexto, dado que essas são agentes da manifestação da cura, do bem e, portanto, da ideia primordial de sagrado, hoje existente.

Imagens e símbolos no caso das benzedeadas

A questão do simbolismo após o advento da psicanálise, conforme aponta Eliade (2002, p. 10) ganhou proporções antes não esperadas. Dentre as revelações encontram-se as percepções sobre o chamado "pensamento primitivo" que o homem contemporâneo ainda carrega consigo. Poderia chamar tal fenômeno de mito, sonho, misticismo, mas em resumo, o fato é que mesmo avançando tecnologicamente, na medicina, nas ciências de um modo geral, a humanidade mantém certo sentimento bucólico em relação às forças do universo e suas influências.

De modo geral, a cultura do simbolismo se dá de forma sincrônica em toda a Europa nas formas exótica, evoluindo para a exotérica, e na forma arcaica, de maneira que o simbolismo evolui de maneiras variadas e, embora, sobre algumas evoluções, conserva elementos simbólicos antigos. Observa-se isso talvez na moda, que se modifica, evolui, transforma-se, mas sempre retorna, sempre retoma elementos antigos. Conforme Eliade,

A ultrapassagem do 'cientificismo' na filosofia, o renascimento do interesse religioso depois da primeira guerra mundial, as múltiplas experiências poéticas e, sobretudo as experiências do 'surrealismo' (com a descoberta do ocultismo, da literatura negra, do absurdo, etc.) chamaram, em planos diversos e com resultados desiguais, a atenção do grande público para o símbolo encarado como modo autônomo de conhecimento.¹

Assim, mesmo na América, continente relativamente novo e, considerando o contexto da pós-revolução industrial, os diversos mitos e culturas assumem estas variadas formas simbólicas. Em tal contexto, as benzedeadas podem ser apontadas como uma forma muito antiga de intervenção simbólica nos casos de saúde-doença. As benzedeadas seriam

¹ ELIADE, Mircea. *Imagens e símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso*. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 10.

no contexto europeu e americano o resultado da falta de estrutura do novo continente e das relações burocráticas do mesmo.

Para Souza, "A ontologia religiosa, expressada em categorias arcaicas, não é exclusiva das sociedades primitivas: é condição do ser humano, o *homo religiosus*, representada não apenas nas culturas antigas, mas também em outras sociedades, como a Índia e a espiritualidade oriental".²

Segundo Allen,

A ontologia religiosa é o movimento do indivíduo que busca ir além da História e integrar-se com as origens, a natureza e os cosmos; é condição do *homo religiosus* transcender a tudo que é material, finito, temporal e histórico; é a busca pela consciência espiritual da liberdade incondicional que está além do tempo, História e até do cosmos.³

As formas simbólicas construídas na América são, portanto uma característica tipicamente humana, não sendo uma manifestação necessária de irracionalidade, mas antes de compreensão primitiva ou cultural dos fenômenos míticos e religiosos. Para Eliade, "o pensamento simbólico não é domínio exclusivo da criança, do poeta ou do desequilibrado: ele é consubstancial ao ser humano: precede a linguagem e a razão discursiva".⁴

Nesse contexto, as imagens, os símbolos, os mitos são a expressão da psique, são a forma possível de interpretação da realidade que um ser ou um grupo têm de descrever a realidade, sendo, portanto, uma substituição do real por algo simbólico não, que o represente. Desse modo,

Quando um ser historicamente condicionado, por exemplo, um ocidental dos nossos dias, se deixa invadir pela parte não histórica de si próprio (o que lhe acontece com muito mais frequência e muito mais radicalmente do que ele imagina), não é necessariamente para regredir ao estágio animal da humanidade, para tornar a descer às fontes mais profundas da vida orgânica: imensas vezes ele reintegra, pelas imagens e símbolos que põe em marcha, um estágio paradisíaco do homem primordial (seja como for a existência concreta daquele, pois este 'homem primordial' afirma-se, sobretudo como um arquétipo impossível de 'realizar' em qualquer existência humana).⁵

² SOUZA, Vitor Chaves de. *A ontologia do mito de Mircea Eliade: possibilidades e aspectos críticos*. Estudos de Religião, v. 25, n. 41, 203-215, jul./dez. 2011. p. 206. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/view/2538/2785>>. Acesso em: 14 Jul. 2014.

³ ALLEN, Douglas. *Myth and religion in Mircea Eliade*. New York: Routledge, 1998. p. 220.

⁴ ELIADE, 2002, p. 14.

⁵ ELIADE, 2002, p. 14.

Pode-se pensar a ideia de homem primordial, a partir do problema de um estado de integração do homem com a natureza, de modo que desaparecem os problemas de uma vida cotidiana repleta de problemas trazidos pela modernidade. No mesmo sentido, a ideia de homem primordial nos remete a um tipo de indivíduo que consegue, na modernidade, manter-se em contato com as mais arcaicas tradições e assim manipula sua realidade cotidiana a fim de dar-lhe significado e permitir melhores condições de sobrevivência.

Nesse sentido, as benzedeadas seriam essa imagem de homem ideal, uma vez que fazem com que emerja a força da natureza e faz a aproximação do indivíduo massificado, estressado com tal realidade supra ou extrassensível, já que ela existe, mas que o indivíduo encontra-se em um estado não simbólico de permanência, bem aquém de tal contexto.

Ao confrontar e dialogar diferentes tradições (como a arcaica e a ocidental), o ser humano moderno deve incorporar preocupações existenciais em novos caminhos para que novas concepções míticas e religiosas possam existir e ter sentido, para então revelar e descobrir aspectos universais do espírito humano.⁶

Tais aspectos universais não seriam justamente princípios norteadores do viver humano como a tranquilidade, a harmonia com o meio, a manutenção dos estados de saúde. Para Eliade, tais imagens são *multivalentes*, ou seja, possuem diversos e amplos significados, chamados por Mircea de feixe de significados.⁷

Eliade estaria fazendo referência a um conjunto de significados que sempre remeterão aos riscos da vida cotidiana e ao mesmo tempo à ideia de perfeição paradisíaca. “As nostalgias são por vezes carregadas de significações que comprometem a própria situação do homem”.⁸ Tal comprometimento se dá em relação ao processo de abandono do mito. “A dessacralização ininterrupta do homem moderno alterou o conteúdo da sua vida espiritual, mas não quebrou as matrizes da sua imaginação”.

O homem moderno é livre de desprezar as mitologias e as teologias, mas isso não o impedirá de continuar a alimentar-se de mitos decadentes e de imagens degradadas. A mais terrível crise histórica do mundo moderno — a segunda guerra mundial e tudo o que ela desencadeou com e após ela — demonstrou suficientemente que a extirpação dos mitos e dos símbolos é ilusória.⁹

Desse modo, a figura das benzedeadas ainda continua a obter respaldo na modernidade, mesmo depois de tantas décadas de desencantamento do mundo. Seu simbolismo de curas, bênçãos e banhos rituais possui interessados e pessoas que lhe

⁶ SOUZA, 2011, p. 207.

⁷ ELIADE, 2002, p. 16.

⁸ ELIADE, 2002, p. 19.

⁹ ELIADE, 2002, p. 19.

atribuam crédito e fé, dado que o homem pode ter abandonado os mitos antigos, mas continua a manter uma ideia mitológica do mundo.

Dentre os símbolos que o homem constrói do mundo está o do centro, Eliade destaca o simbolismo do centro, dado que todo local habitado tem um centro, assim, as cidades tem um centro comercial, uma praça central, um marco zero, algo que simbolize a origem ou o elemento mais importante.¹⁰ No caso das benzedeadas, esse centro está nas plantas e ervas que utilizam em sua prática, dado que podem atender em qualquer lugar de sua casa.

Todavia, as casas das benzedeadas não são geralmente casas do centro das cidades, ao contrário, em geral estão nas periferias ou vilas, pois são símbolo dos menos favorecidos, não são pessoas em condições financeiras muito elevadas. Mesmo assim, suas casas estão situadas dentro do que Eliade chama de “zonas cósmicas”, ou seja, Céu, Terra e inferno.¹¹

As casas das benzedeadas possuem ainda um *imago mundi*, um local específico eleito por elas, aparentemente de forma intuitiva, em que situam a cadeira onde o benzido se assenta. Esse local varia de acordo com o tipo de oração e mal a ser tratado. Em casos de pragas, infestações, câncer, a oração é feita no espaço fora da casa, no quintal. Casos mais leves como mal olhado e quebranto, as benzedeadas podem ser feitas na varanda das casas. Casos como o de tratamento do mal de simioto¹² são tratados dentro de casa.

Também o mito da árvore primordial que se repete na Oliveira para Israel, a árvore da vida para o Éden, está presente no tipo de ramo utilizado no chá ou benzedura. “A comunicação entre o Céu e a Terra torna-se possível por meio deste pilar. E, de fato, o sacrificador sobe ao Céu, só ou com a mulher, neste poste transformado ritualmente no próprio Eixo do Mundo”.¹³

Outro simbolismo que pode ser aplicado ao caso das benzedeadas é o dos *nós* e do ato de desfazer tais nós, conforme explica Mircea,

Poder-se-iam classificar os fatos mais importantes sob duas grandes rubricas: 1º os ‘laços’ mágicos utilizados contra os adversários humanos (na guerra, na feitiçaria), com a operação inversa do ‘corte dos laços’; 2º os nós

¹⁰ ELIADE, 2002, p. 39.

¹¹ ELIADE, 2002, p. 42.

¹² Mal de simioto (de simio = macaco) é o nome popular, em algumas regiões do Brasil (MT, MS, GO) da desnutrição causada em crianças pequenas por alergia ao leite de vaca ou à incapacidade de digerir o mesmo. A doença aparece normalmente quando o aleitamento materno é substituído por leite de vaca em pó. Muitas vezes o intestino de um bebê não produz as enzimas necessárias a digerir a lactose de origem animal. Normalmente desaparece com a volta ao aleitamento materno ou por ama-de-leite ou substituição por outro tipo de alimento a critério médico.

¹³ ELIADE, 2002, p. 44.

e laços benéficos, meios de defesa contra os animais selvagens, contra as doenças e sortilégios, contra os demónios e a morte.¹⁴

Em tal contexto, os nós seriam pontos que mesmo na acupuntura têm seu simbolismo. Entraves, problemas, doenças em partes do corpo, tudo isso seriam nós que devem ser desfeitos. No contexto católico, pode-se citar a figura de Nossa Senhora Desatadora dos Nós. Assim, os nós assumem forte simbolismo de vida e de morte, de saúde e de doença. “Os nós provocam a doença, mas também a afastam ou curam o doente; as redes e os nós enfeitiçam e também protegem contra a feitiçaria; impedem o parto e facilitam-no”.¹⁵

Como se pode notar, o simbolismo dos nós está perfeitamente alinhado com a prática das benzedeadas, uma vez que tal simbolismo remete ao controle da relação vida-morte-libertação, uma espécie de intervenção direta no cotidiano. “No plano mágico, o homem serve-se de nós-amuletos para se defender dos demónios e dos feiticeiros; no plano religioso, sente-se ‘ligado’ por Deus, preso no seu ‘laço’”.¹⁶

Ainda para Eliade,

A finalidade última do homem é libertar-se dos ‘laços’: à iniciação mística do labirinto, durante a qual se aprende a desatar o nó labiríntico para se ser capaz de desfazê-lo quando a alma o encontrar depois da morte, responde a iniciação filosófica, metafísica, cuja intenção é ‘rasgar’ o véu da ignorância e libertar a alma das cadeias da existência.¹⁷

Aqui se acrescenta que desatar os nós tem relação com certa tomada de consciência dos problemas cotidianos, ou ainda com sua causa-origem. A benzedead, o mago, seriam estas pessoas que levam o indivíduo a tal consciência de si e de seu nó. Nesta perspectiva, a figura das benzedeadas está sempre entre o sagrado e o profano do nosso cotidiano, dimensões que se vai tratar a seguir.

As benzedeadas entre o sagrado e o profano

Após tratar da aproximação possível entre a teoria da religião primordial e o caso das benzedeadas em Eliade,¹⁸ busca-se agora relacionar o caso das benzedeadas com a noção de sagrado e profano, tendo como referência o mesmo autor.¹⁹ Para tanto, considerar-se-ão alguns dos aspectos da obra mencionada que tenham maior relação com o contexto pesquisado.

¹⁴ ELIADE, 2002, p. 108.

¹⁵ ELIADE, 2002, p. 109.

¹⁶ ELIADE, 2002, p. 114.

¹⁷ ELIADE, 2002, p. 115.

¹⁸ ELIADE, 2002.

¹⁹ ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Ao pensar a questão do sagrado, Eliade está pensando em questões ligadas ao que chamou de hierofania²⁰, ou seja, uma manifestação de algo diferente do cotidiano, do puramente físico, do banal. Diferente do que fez Rudolf Otto em *O Sagrado* quando situa o problema da manifestação religiosa no que chama de numinoso, *tremendum*, totalmente transcendente,²¹ Eliade pensa o sagrado na condição de uma manifestação exterior ao homem.

Não se trata de uma veneração da pedra como pedra, de um culto da árvore como árvore. A pedra sagrada, a árvore sagrada não são adoradas como pedra ou como árvore, mas justamente porque são hierofanias, porque “revelam” algo que já não é nem pedra, nem árvore, mas o sagrado, o *ganz andere*.²²

Assim, o sagrado seria qualquer coisa natural e não sobrenatural que seja vista de uma maneira diferente. “O Cosmos, na sua totalidade, pode tornar-se uma hierofania”. No fundo há toda uma proximidade entre Otto²³ e Eliade, dado que o que determina em ambos o sagrado, o numinoso, a hierofania é justamente a maneira como se vê o fenômeno natural. “Manifestando o sagrado, um objeto qualquer se torna outra coisa e, contudo, continua a ser ele mesmo, porque continua a participar do meio cósmico envolvente”.²⁴

Para as sociedades primordiais quanto mais primitivas suas condições de vida, maiores são as condições de poder, que menor é a percepção do humano, do homem e maior a percepção de um mundo muito maior e aterrorizante que o do ser humano em si.

Se a percepção do mundo constitui a ideia de que este se constitui o sagrado, o mundo biológico e o físico seria assim, o profano, de modo que se remete a uma percepção universal de que existe um todo (o universo, o cosmos) que é sagrado e uma realidade particular (a terra, o cotidiano) profana. “A oposição sagrado/profano traduz-se muitas vezes como uma oposição entre real e irreal ou pseudo-real”.²⁵

Para Eliade, sagrado e o profano constituem duas modalidades de ser no Mundo. Tais modalidades refletem o que fora conquistado pelo homem. O mundo sagrado é um

²⁰ Hierofania (do grego hieros (ἱερός) = sagrado e faneia (φαίνεiv) = manifesto) pode ser definido como o ato de manifestação do sagrado. O termo foi cunhado por Mircea Eliade em seu tratado sobre a história das religiões para se referir a uma consciência fundamentada da existência do sagrado, quando se manifesta através dos objetos habituais de nosso cosmos como algo completamente oposto do mundo profano (ver misticismo). Para traduzir o ato de manifestação do sagrado, Eliade sugere o termo hierofania, é necessário, pois se refere apenas ao que corresponde à sagrada que nos é mostrado. ELIADE, 2001.

²¹ OTTO, R. *O Sagrado*. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2007.

²² ELIADE, 2001, p. 13.

²³ OTTO, 2007.

²⁴ ELIADE, 2001, p. 13.

²⁵ ELIADE, 2001, p. 14.

mundo que precisa ser fundado e que não pode passar a existir do caos, ao contrário, deve ser criado ex-nihilo, ou seja, do nada.²⁶

Para buscar entender tal perspectiva, pode-se classificar o sagrado como saúde, felicidade, bem-estar, alegria, realização, ser aprovado em um grupo, em um concurso; de mesmo modo, profano significa doença, sofrimento, dor, traição, reprovação, acidente. O que se quer entender então por sagrado e profano está relacionado a duas percepções que para Eliade pressupõe uma percepção específica do *humos religiosus*, do homem ligado às religiões.

É preciso acrescentar que tal existência profana jamais se encontra no estado puro. Seja qual for o grau de dessacralização do inundo a que tenha chegado, o homem que optou por uma vida profana não consegue abolir completamente o comportamento religioso. Isto ficará mais claro no decurso de nossa exposição: veremos que até a existência mais dessacralizada conserva ainda traços de uma valorização religiosa do mundo.²⁷

Nesse contexto o processo de diferenciação entre os dois espaços, o sagrado e o profano, dá-se, justamente, na relação entre espaço religioso e não religioso, homogêneo e não homogêneo. "O limiar é ao mesmo tempo o limite, a baliza, a fronteira que distinguem e opõem dois mundos".²⁸

Assim, o espaço sagrado está na percepção fundadora. Um terreno, um lote de terra pode muito bem ter sido um antigo local de sacrifício humano, um cemitério abandonado, um local onde ocorrera um brutal assassinato e depois, tal lugar pode se tornar um local sagrado, uma igreja, um santuário, dependendo do rito de fundação ou refundação deste local.

O desejo do homem religioso de viver no sagrado equivale, de fato, ao seu desejo de se situar na realidade objetiva, de não se deixar paralisar pela relatividade sem fim das experiências puramente subjetivas, de viver num mundo real e eficiente - e não numa ilusão. Esse comportamento verifica-se em todos os planos da sua existência, mas é evidente no desejo do homem religioso de mover-se unicamente num mundo santificado, quer dizer, num espaço sagrado.²⁹

É aqui, que se quer sinalizar o caso das benzedeadas, pois um terreno recém-adquirido pode ser bento, abençoado, exorcizado, aspergido, sacralizado por sinais, medalhas, cruces ou qualquer outro tipo de teofania³⁰. Fazendas, prédios, casas, galpões,

²⁶ ELIADE, 2001, p. 15.

²⁷ ELIADE, 2001, p. 18.

²⁸ ELIADE, 2001, p. 19.

²⁹ ELIADE, 2001, p. 20.

³⁰ Teofania é um conceito de cunho teológico que significa a manifestação de Deus em algum lugar, coisa ou pessoa. Tem sua etimologia enraizada na língua grega: "theopháneia" ou "theophanía". É uma revelação

plantas são bentas a pedido de seus proprietários, dadas as manifestações negativas que podem ser identificadas em tais locais.

As benzedeadas estão no limiar do sagrado e do profano, lidam e operam nos dois mundos, extirpam o mal e clamam pelo bem. Recriam o mundo, remontam às hierofanias e as teofanias, de modo que buscam fazer prevalecer o bem sobre o mal. O espaço residencial da benzedeadas é um espaço tido como sagrado, sendo que ali se manipula o profano, a força negativa do mundo presente do cliente.

O simbolismo do caos e cosmos pode muito bem ser aplicado à percepção anterior no sentido de que a vida por si só é caótica, dado ser estressante, corrida, cansativa e repleta de heterogeneidades, desse modo, a benzedeadas promove a ordem, o reordenamento da vida, do mundo, do cosmos por meio de uma oração, de uma bênção, ativando assim uma nova perspectiva, uma nova ordem na mente e, portanto, na vida do cliente.

Dentro do simbolismo descrito, caos significa afastamento do equilíbrio entre homem e mundo, e cosmos significa reordenamento dessa relação. Nesse contexto, uma vida sagrada ou sacra é aquela que se une ao mundo enquanto totalidade (serviço ao outro, edificação de uma instituição, vida religiosa, celibato), mas que ao mesmo tempo, afasta-se do mundo enquanto particularidade (desejos carnis, a sexualidade, a fecundidade, a mitologia da mulher e da Terra). Dessa maneira:

O 'afastamento divino' traduz na realidade o interesse cada vez maior do homem por suas próprias descobertas religiosas, culturais e econômicas. Interessado pelas hierofanias da Vida, em descobrir o sagrado da fecundidade terrestre e sentir se solicitado por experiências religiosas mais 'concretas' (mais carnis, até mesmo orgiásticas), o homem primitivo afasta se do Deus celeste e transcendente. Descobrendo a sacralidade da Vida, o homem deixou se arrastar progressivamente por sua própria descoberta: abandonou-se às hierofanias vitais e afastou se da sacralidade que transcendia suas necessidades imediatas e cotidianas.³¹

Não podendo mais estar envolto nas hierofanias, o homem vê-se obrigado a recorrer aos oráculos, magos, sacerdotes e benzedeadas para ressacralizar seu espaço, sua presença no mundo, realinhando-o aos nós, laços, cordas mestras que orientam o fluxo da vida cotidiana em uma perspectiva sacra.

De mesmo modo, os ritos de passagem representam a mesma reorientação do homem no mundo profano, enquanto postura sagrada. Para os cristãos, os sacramentos representam um rito de passagem, em que o antes pagão, agora no batismo, torna-se cristão; o sexo antes pagão, no casamento, torna-se elemento de santificação. O passe,

ou manifestação sensível da glória de Deus, ou através de um anjo, ou através de fenômenos impressionantes da natureza.

³¹ ELIADE, 2001, p. 63, 64.

banho ritual, benção ou benzeção refletem uma rotura, uma brecha, uma separação entre o antes e o depois da hierofania.

Quando acaba de nascer, a criança só dispõe de uma existência física; não é ainda reconhecida pela família nem recebida pela comunidade. São os ritos realizados imediatamente após o parto que conferem ao recém-nascido o estatuto de “vivo” propriamente dito; é somente graças a esses ritos que ele se integra à comunidade dos vivos.³²

O rito de passagem é marcado, portanto, por uma festa, cerimônia, encontro ou visita; todos esses, com significado mágico. O batismo, o Casamento, a unção, o festejo, a visita à benzeira, enfim, o momento em que simbolicamente se abandona uma postura e se inicia outra. Depois de um dia estressante, o homem chega a casa, retira a roupa suja, suada, e com ela seu cansaço, entra na água que é um dos muitos elementos hierofânicos e depois sai do banho, limpo, renovado; aquele foi para ele, um rito de passagem.

De mesmo modo, a pintura de uma casa, uma reforma, um móvel novo, a mudança de casa, de emprego, de cidade, de carro, de bairro, tudo isso implica em uma mudança de hierofania, o homem religioso precisará adotar novos ritos para sacralizar seu local existencial. Ao estudar para um concurso ou prova importante, acenderá velas, fará orações, ficará mais introspectivo. Ao entrar em um jogo fará um sinal sacralizando seu local existencial.

Os ritos iniciáticos comportando as provas, a morte e a ressurreição simbólicas foram fundados pelos deuses, os Heróis civilizadores ou os Antepassados míticos: esses ritos têm, portanto, uma origem sobre-humana, e, ao realizá-los, o neófito imita um comportamento sobre humano, divino.³³

Assim, conforme situa Eliade mesmo na modernidade, o homem não abandonou a dimensão do sagrado, mesmo tendo dessacralizado o mundo em que vive, adotando atitudes menos rituais, comuns, fisiológicas e corriqueiras, está, de alguma forma, em busca da construção do sagrado. Em outras palavras “o homem religioso assume um modo de existência específica no mundo, e, apesar do grande número de formas histórico religiosas, este modo específico é sempre reconhecível”.³⁴

O homem moderno não sabe responder de onde veio o mundo, tal qual os gregos clássicos em busca da *arché*; mas insistem em buscar tal pergunta por crerem ainda que ingenuamente que os deuses criaram o homem e o mundo, os heróis civilizadores acabaram na Criação. Desse modo a maioria dos ‘sem religião’ ainda se comporta religiosamente, embora não esteja consciente do fato. “É através da experiência do

³² ELIADE, 2001, p. 89

³³ ELIADE, 2001, p. 90.

³⁴ ELIADE, 2001, p. 97

sagrado, [...] que nasce a ideia de que alguma coisa existe realmente, de que existem valores absolutos, capazes de guiar o homem e de conferir uma significação à existência humana”.³⁵

Assim, para Eliade, é a experiência construída pelo ser humano do que ele atribui status de sagrado é que funda o mundo; à medida que seu inconsciente incorpora e aplica os resultados de suas inúmeras experiências religiosas já vividas ou sentidas, seu mundo se modifica, de modo que sua religiosidade ou religião tornam-se uma solução religiosa que resolve a crise interior, psíquica do homem, moldando uma existência susceptível que permite ao homem ultrapassar as situações pessoais e alcançar uma estável vida religiosa.³⁶

Considerações Finais

Conforme foi proposto, este breve artigo buscou situar o conceito de Simbolismo religioso por meio de duas obras de Mircea Eliade, promovendo algumas reflexões sobre possíveis aplicabilidades da teoria de tal simbolismo no contexto das práticas religiosas das benzedeadas. Depois, orientou-se a discussão para a visão do que se possa conceber como sagrado e profano, fazendo-se as mesmas aplicações. Sendo assim, acredita-se que o proposto foi alcançado, de modo que se entende que a figura e a ação das benzedeadas, enquanto agentes da hierofania, estão plenamente inseridas nos mais variados contextos religiosos de nosso cotidiano.

Referências

ALLEN, Douglas. *Myth and religion in Mircea Eliade*. New York: Routledge, 1998, 384 p.

ELIADE, Mircea. *Imagens e símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, 178 p.

_____. *Mito e realidade*. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 2006, 179 p.

_____. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 2001, 191 p.

OTTO, R. *O Sagrado*. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2007.

SOUZA, Vitor Chaves de. *A ontologia do mito de Mircea Eliade: possibilidades e aspectos críticos*. Estudos de Religião, v. 25, n. 41, 203-215, jul./dez. 2011: 0103-801X – Eletrônico: 2176-1078. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/view/2538/2785>>. Acesso em: 14 Jul. 2014.

[Recebido em: julho de 2014 | Aceito em: setembro de 2014]

³⁵ ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 2006. p. 124

³⁶ ELIADE, 2001, p. 101.